



Aulas 3 e 4:
Antiguidade Oriental
História Geral (F2) – Rodolfo Neves



**O que nós
veremos hoje**
aulas 03 e 04



- 1 Modo de Produção Asiático:
Sociedade Hidráulicas
- 2 Estrutura social da Antiguidade
Oriental
- 3 Economia da Antiguidade Oriental
- 4 Organização política da Antiguidade
Oriental
- 5 Cultura da Antiguidade Oriental



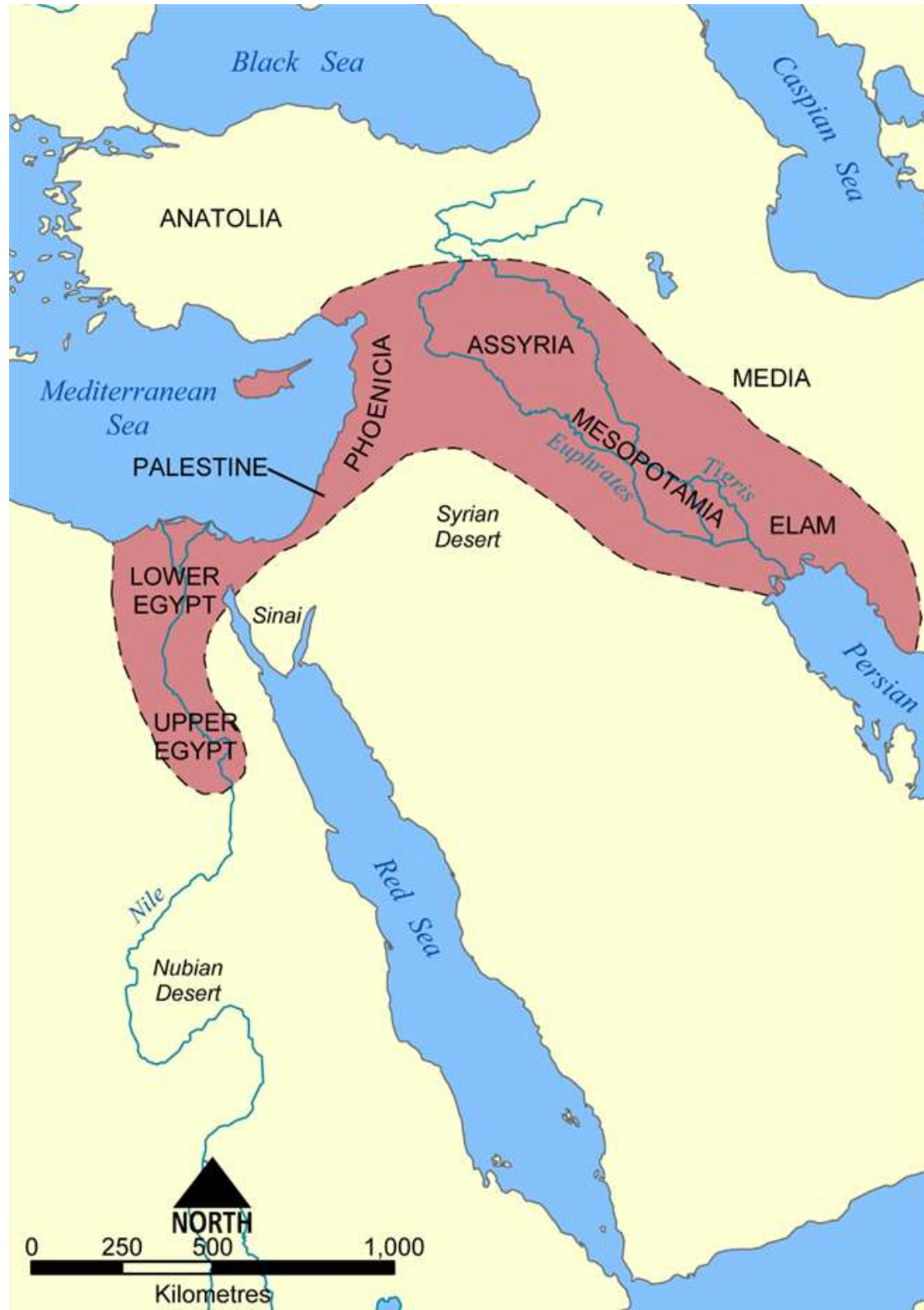
Modo de Produção Asiático

Características gerais das civilizações da Antiguidade Oriental

- **Principais civilizações:** Egito e Mesopotâmia (Sumérios, Acádios, Amoritas, Assírios e Caldeus).
- **Sociedades Hidráulicas:** dependiam da construção de **canais de irrigação**.
- **Localização:** próxima a grandes rios (**Nilo, Tigre, Eufrates e Jordão**) = região do **Crescente Fértil**.
- **Necessidade de terras férteis:** ocasionou a formação de políticas imperialistas.
- ***Ex.: Assírios** = formação do primeiro exército permanente.
- ***Ex.: Persas** = várias campanhas de expansão em busca de áreas agricultáveis.
- **Impérios Teocráticos de Regadio:** civilizações expansionistas, com a política legitimada pela religião, dependentes de fontes hídricas e canais de irrigação.
- **Exceção: Fenícios (Palestina)** = organizados em cidades-estados.

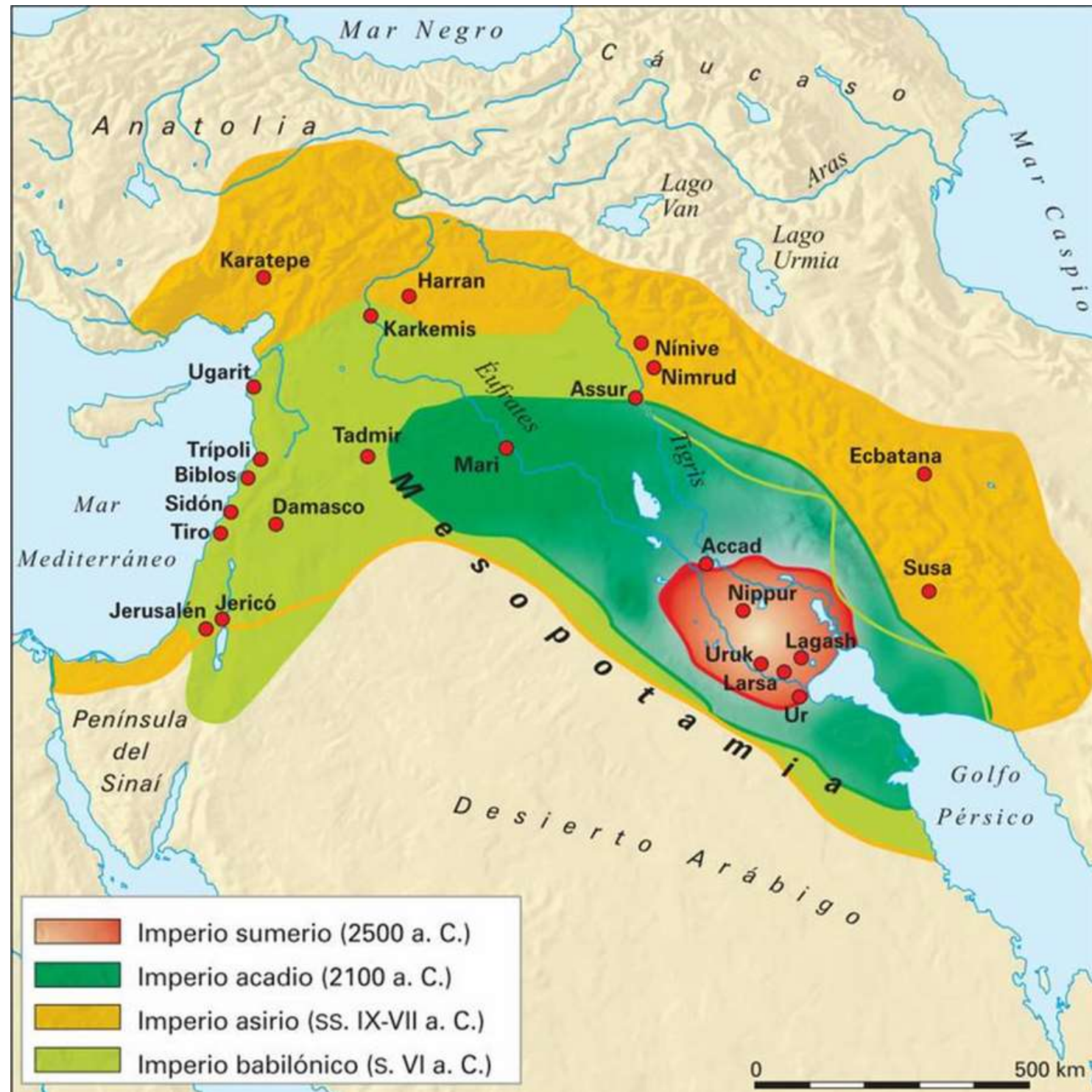


O Crescente Fértil

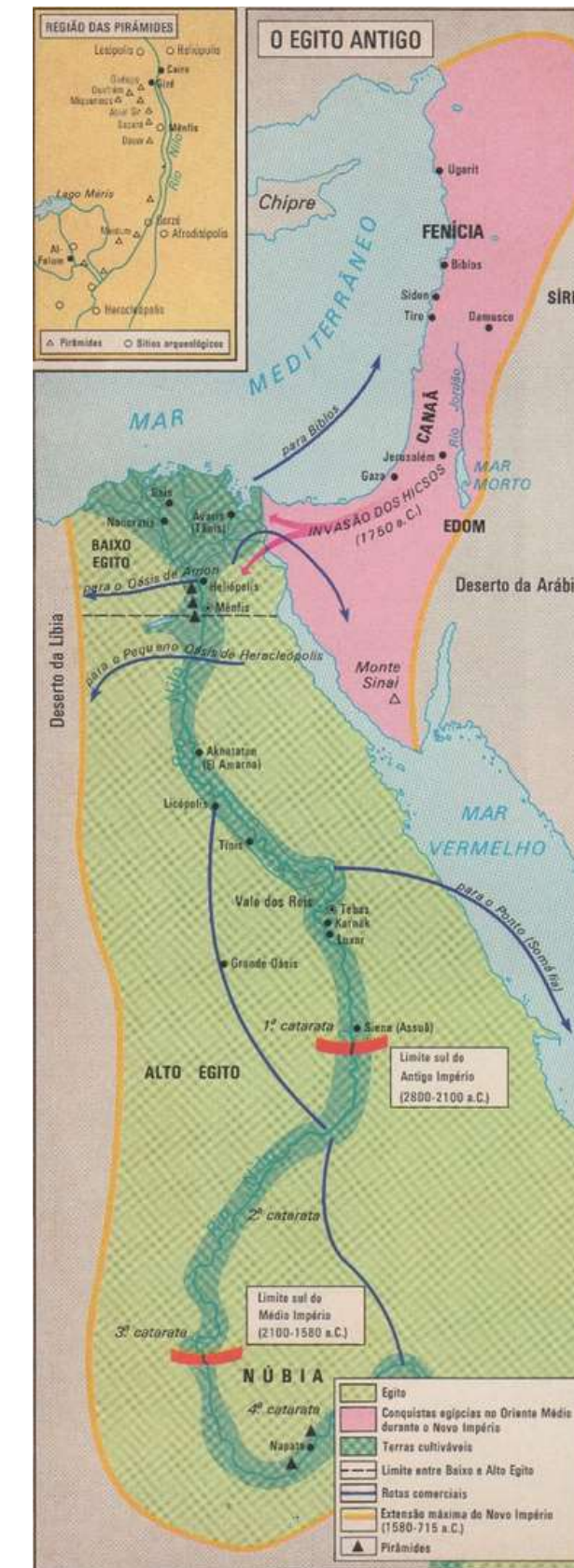




O Crescente Fértil



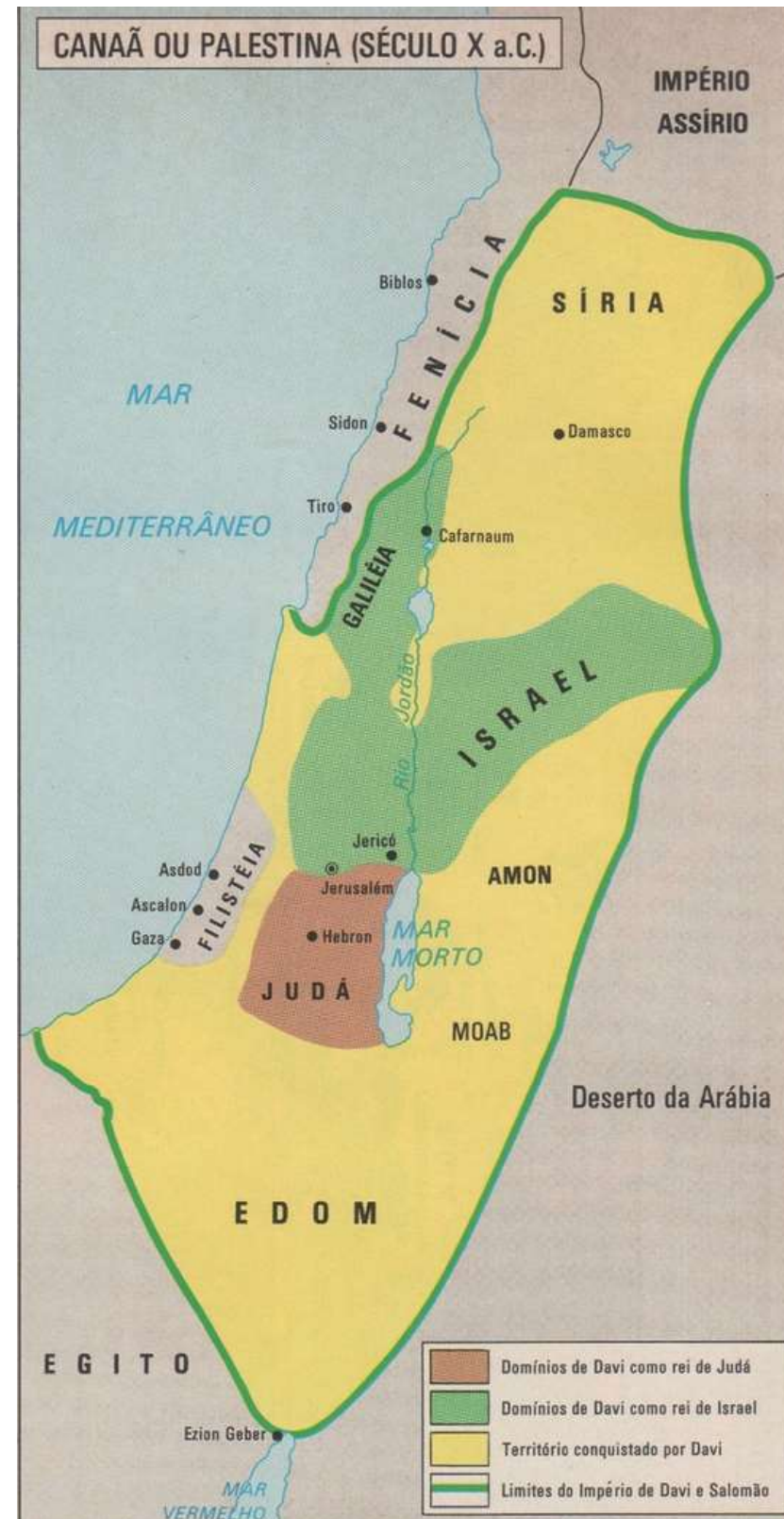
Mesopotâmia



Egito



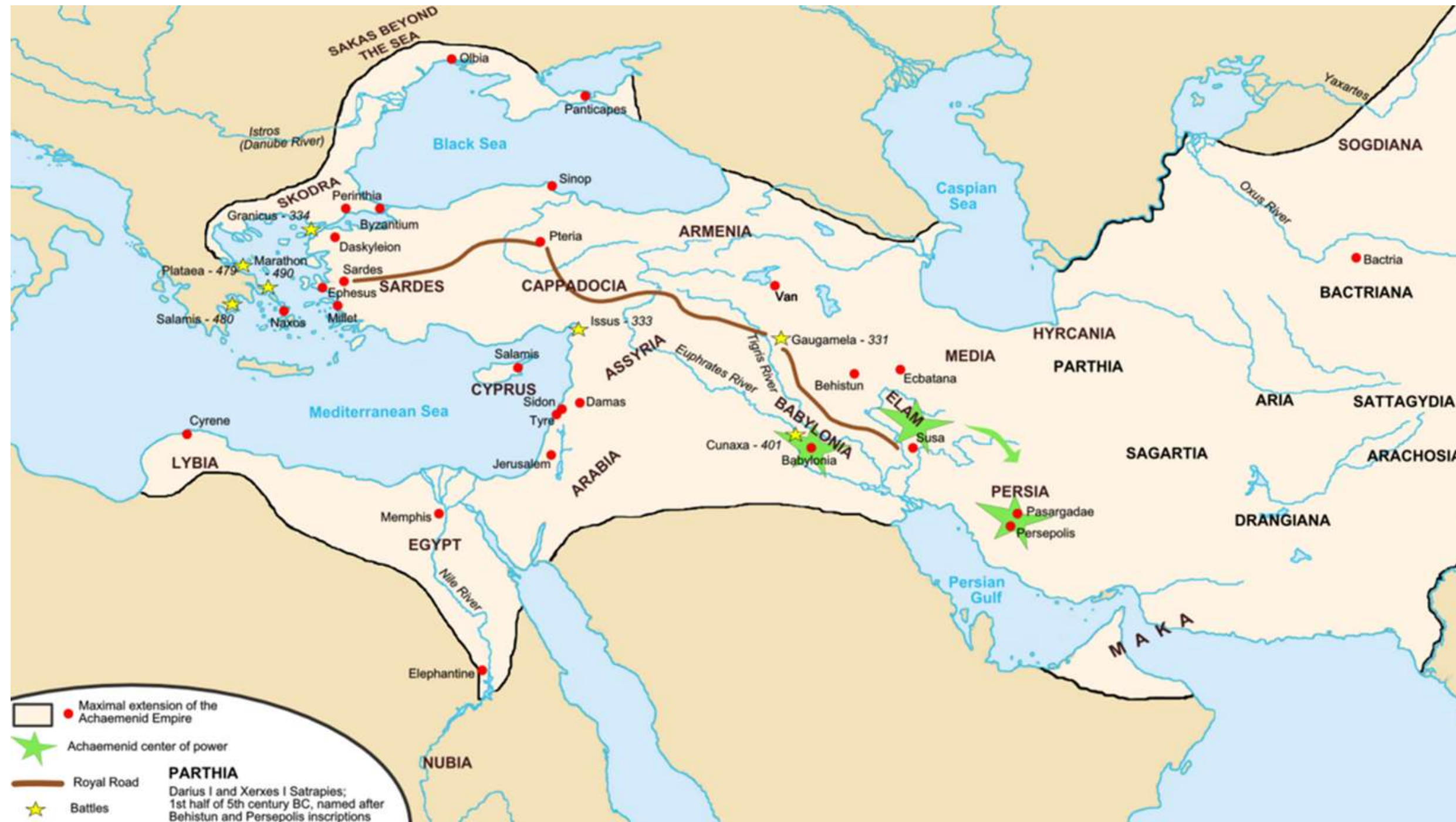
O Crescente Fértil



Fenícios e Hebreus



O Crescente Fértil




Império Persa no século V a.C.

4. Enem Libras 2017 O sistema de irrigação egípcio era muito diferente do complexo sistema mesopotâmico, porque as condições naturais eram muito diversas nos dois casos. A cheia do Nilo também fertiliza as terras com aluviões, mas é muito mais regular e favorável em seu processo e em suas datas do que a do Tigre e Eufrates, além de ser menos destruidora.

CARDOSO, C. F. Sociedades do antigo Oriente Próximo.
São Paulo: Ática, 1986.

A comparação entre as disposições do recurso natural em questão revela sua importância para a

- a) desagregação das redes comerciais.
- b) supressão da mão de obra escrava.
-  c) expansão da atividade agrícola.
- d) multiplicação de religiões monoteístas.
- e) fragmentação do poder político.

1 Unesp *A maior parte das regiões vizinhas [da antiga Mesopotâmia] caracteriza-se pela aridez e pela falta de água, o que desestimulou o povoamento e fez com que fosse ocupada por populações organizadas em pequenos grupos que circulavam pelo deserto. Já a Mesopotâmia apresenta uma grande diferença: embora marcada pela paisagem desértica, possui uma planície cortada por dois grandes rios e diversos afluentes e córregos.*

Marcelo Rede. *A Mesopotâmia*. 2002.

A partir do texto, é correto afirmar que

- A os povos mesopotâmicos dependiam apenas da caça e do extrativismo vegetal para a obtenção de alimentos.
- B a ocupação da planície mesopotâmica e das áreas vizinhas a ela, durante a Antiguidade, teve caráter sedentário e ininterrupto.
- C a ocupação das áreas vizinhas da Mesopotâmia tinha características nômades e os povos mesopotâmicos praticavam a agricultura irrigada.
- D a ocupação sedentária das regiões desérticas representava uma ameaça militar aos habitantes da Mesopotâmia.
- E os povos mesopotâmicos jamais puderam se sedentarizar, devido às dificuldades de obtenção de alimentos na região.

3 Fuvest 2015 Examine estas imagens produzidas no antigo Egito:



apud *Ciro Flammarion Santana Cardoso. O Egito antigo.*
São Paulo: Brasiliense, 1982.

As imagens revelam

- A o caráter familiar do cultivo agrícola no Oriente Próximo, dada a escassez de mão de obra e a proibição, no antigo Egito, do trabalho compulsório.
 - B a inexistência de qualquer conhecimento tecnológico que permitisse o aprimoramento da produção de alimentos, o que provocava longas temporadas de fome.
 - C o prevailecimento da agricultura como única atividade econômica, dada a impossibilidade de caça ou pesca nas regiões ocupadas pelo antigo Egito.
 - D a dificuldade de acesso à água em todo o Egito, o que limitava as atividades de plantio e inviabilizava a criação de gado de maior porte.
- a importância das atividades agrícolas no antigo Egito, que ocupavam os trabalhadores durante aproximadamente metade do ano.



Estrutura social da Antiguidade Oriental

Estrutura Social

Sociedades Estamentais: pouca mobilidade / mobilidade restrita.

Critério de divisão: direito divino de nascimento / territorialidade.

Legitimação da sociedade: vontade divina (legitimação dogmática).





Estrutura social da Antiguidade Oriental

O escriba

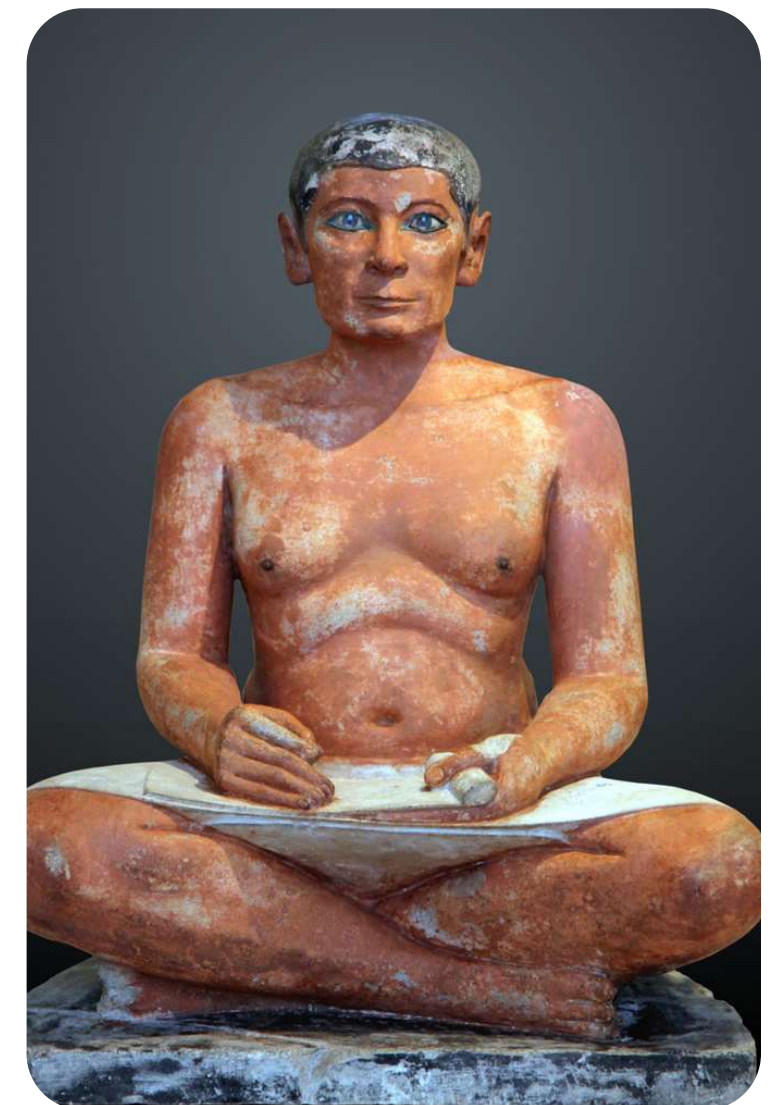
Características estéticas:

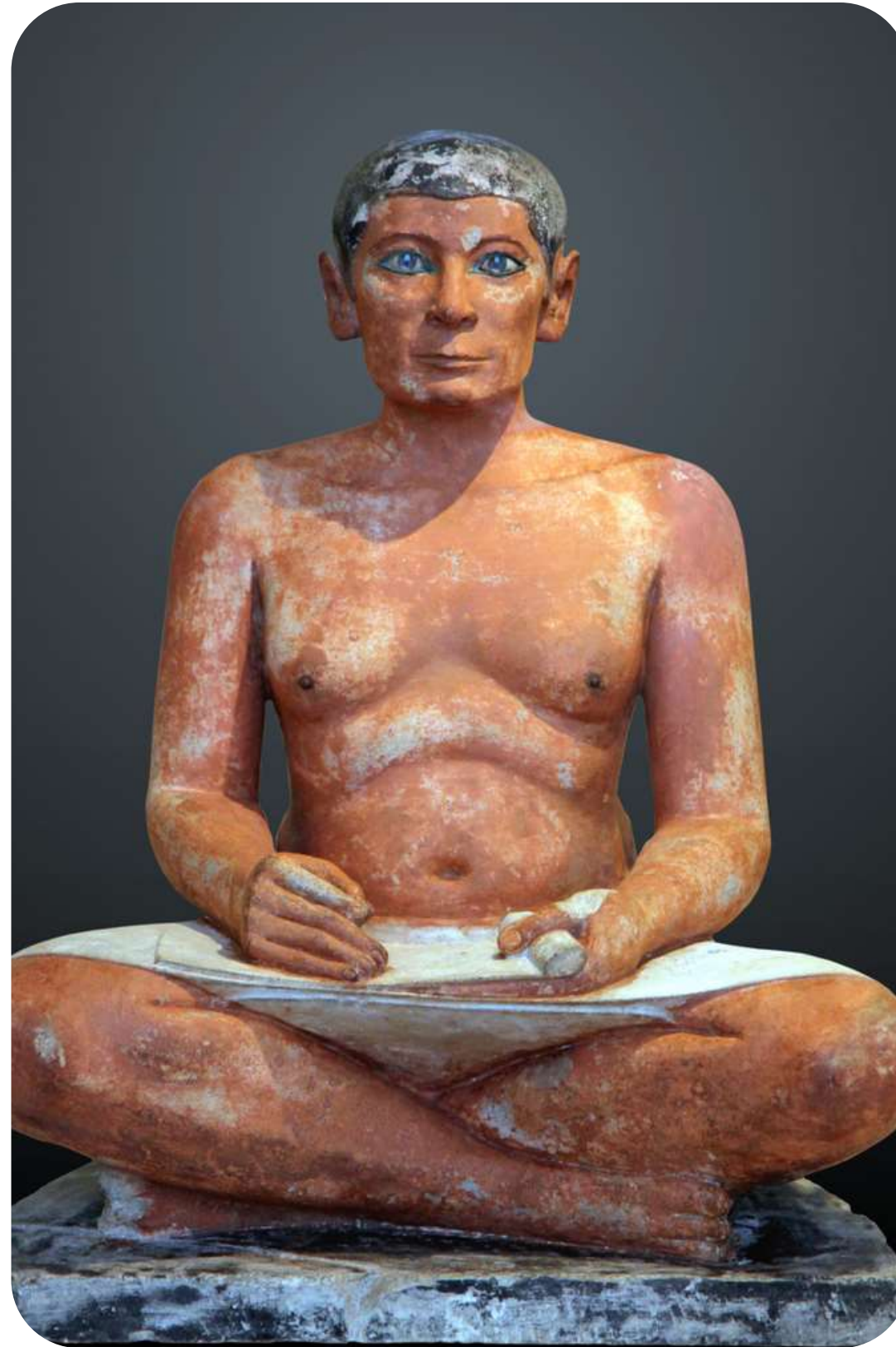
- Posição **estática**.
- Expressividade: ausência de expressão de sentimentos.
- Movimento: ausência de movimento / posição de escuta / passividade.

Intelectuais ou burocratas?

- Os escribas eram **executores materiais e fiscais** das ordens reais.
- Os escribas **não determinavam** o conteúdo das leis.
- Sua função está mais para a de **um burocrata** do que intelectual.

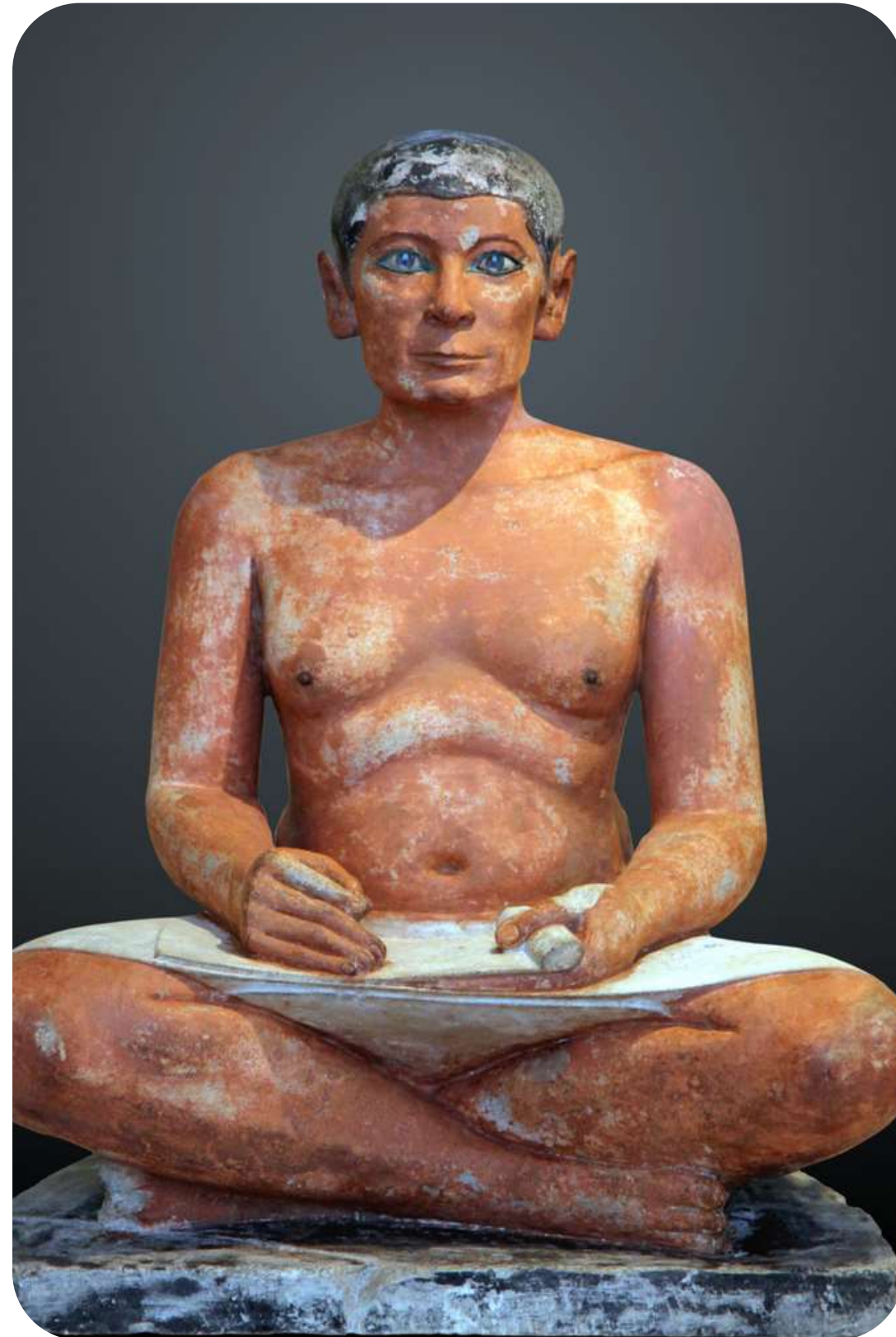
"O escriba não era, pois, prestigiado por saber escrever e contar, mas porque essas atividades eram úteis e estavam a serviço do faraó, do governo central, fonte da autoridade e do poder."





O escriba sentado, 2613–2494 a.C.;

calcário pintado e quartzo incrustado. Louvre





A economia na Antiguidade Oriental

A economia

Agricultura irrigada: principal atividade econômica.

Trocas comerciais: atividade secundária.

Exceção: Fenícios = o comércio pelo Mediterrâneo era a sua principal atividade econômica.

Moedas: economia protomonetária.

Exceção: Persas (Aquemênidas) = criação de uma moeda única (**dárico**).

Terra: principal meio de produção = propriedade estatal.

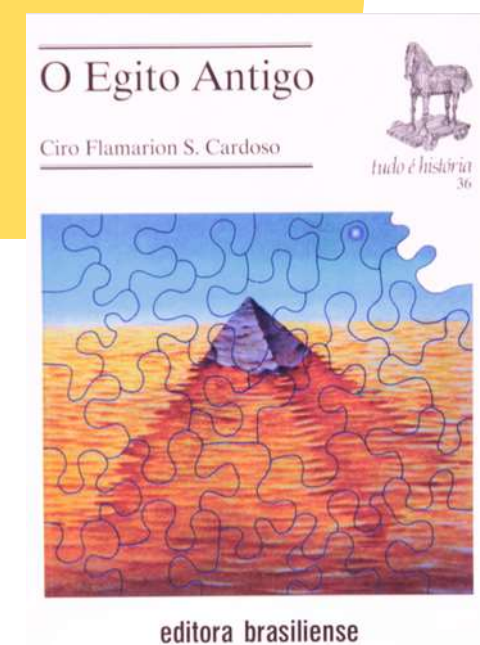
Força de trabalho: servidão coletiva (pagamento da **corveia real**).

Escravos: número reduzido e flutuante (prisioneiros de guerra).

“A economia egípcia, no entanto, nunca foi 'escravista' no sentido em que foi a da Grécia Clássica e helenística e a da Roma de fins da República e do Alto Império.”



E verdade, porém, que todas as formas de propriedade existentes ao lado da do rei dependiam da aprovação do monarca (inclusive no caso de herança paterna ou materna). No Reino Novo, vemos uma extensão impressionante dos bens dos templos e a formação de uma classe de proprietários militares, beneficiários de concessões reais. Uma grande propriedade do antigo Egito não era em geral realmente extensa segundo padrões atuais: Metjen, funcionário graduado da IV dinastia, acumulou 125 hectares de terras, sendo 75 em propriedade e 50 em virtude do exercício de funções públicas. (p.43-44)





Organização política da Antiguidade Oriental

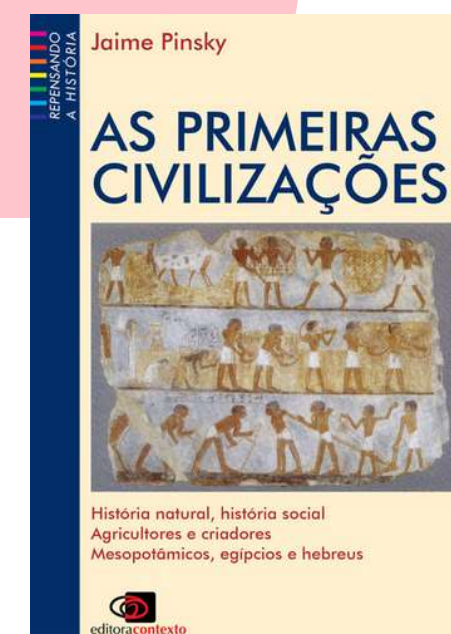
Organização política

- Formação dos primeiros Estados
- Teocracia: **a religião** legitimava a autoridade política.
- * **Exceção: Fenícios** = governo **talassocrático** (colegiado de comerciantes marítimos).
- Despotismo / Autocracia: não havia divisão do poder político.
- Burocracia: uso da escrita (leis) e de **funcionários burocráticos** para coordenar a sociedade.
- * **Mesopotâmia**: escrita **cuneiforme (sumérios)** / Código de Hamurabi (Amoritas).
- * Egito: três tipos de escrita (**hieróglifos, hierática e demótica**).
- * **Fenícios**: desenvolvimento do **primeiro alfabeto fonético**.
- **Persas (Aquemênidas)**: desenvolvimento de uma infraestrutura de estradas reais e sistema de correios para facilitar a cobrança de impostos.



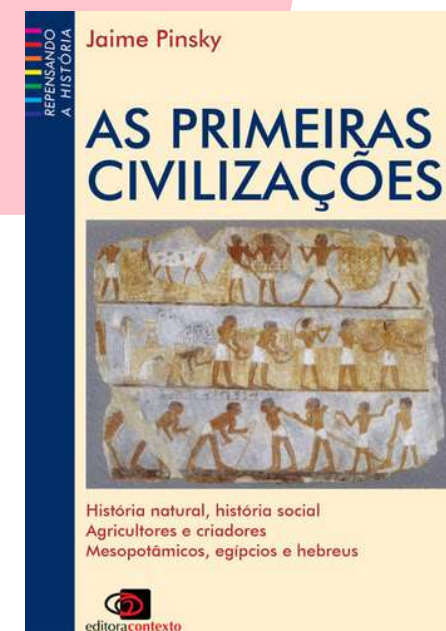
Ao longo dos tempos, o faraó era identificado com diferentes deuses: de início ele era o falcão, Horo; depois Horo-Rá, e no Novo Império, em Tebas, Amon-Rá. Depois de morto transfigura-se em Osíris.

O milagre do rei-deus era o próprio milagre do Egito, pelo menos sob a visão dos contemporâneos. Num mundo de fome e carência, o Egito era como que uma ilha de abundância, ou mais precisamente um imenso oásis em que não faltava alimento. Devia saltar aos olhos da população o contraste entre a ordem e a previsibilidade da natureza em seu território e a imprevisibilidade do mundo sem Nilos.



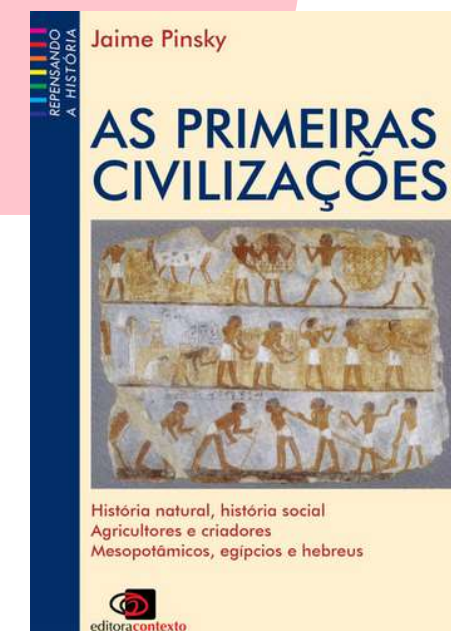


No Egito, as cheias no tempo certo, com intensidade prevista, cobrindo **aproximadamente a mesma área, deixando sempre uma camada fértil** renovada sobre a terra cansada. Fora do Egito, o deserto, as chuvas e **inundações carregando camadas férteis. Dentro do Egito, o mesmo sistema político, com pequenas variações. Fora do Egito, instabilidade e insegurança. Sob a ótica do egípcio, só um deus que nunca morre explica uma natureza sempre vivificada pelo sopro de vida do rio. O faraó podia morrer como indivíduo, não como deus-vivo; da mesma forma as águas do Nilo passavam para nunca mais voltar, mas o rio continuava no mesmo lugar, sempre igual, criando e permitindo a vida.**





Vida, rio, deus, faraó — num certo nível tudo se confundia, tudo era a mesma coisa. Graças ao poder divino do faraó as colheitas são abundantes: o Nilo, ponto de partida de toda a prosperidade, tem de respeitá-lo. Nas inscrições, lembram os historiadores Aymard e Auboyer, o nome do rei é seguido pelos sinais "vida, saúde, força", cuja presença exprimia um desejo não só em seu favor, mas também, por seu intermédio, em favor de todo o reino e seus habitantes. Pela certeza de seu papel a favor da população é que havia de assegurar ao faraó a vida eterna. (p.95-96)





A Escrita Cuneiforme da **Mesopotâmia**





Os Hieróglifos do Egito

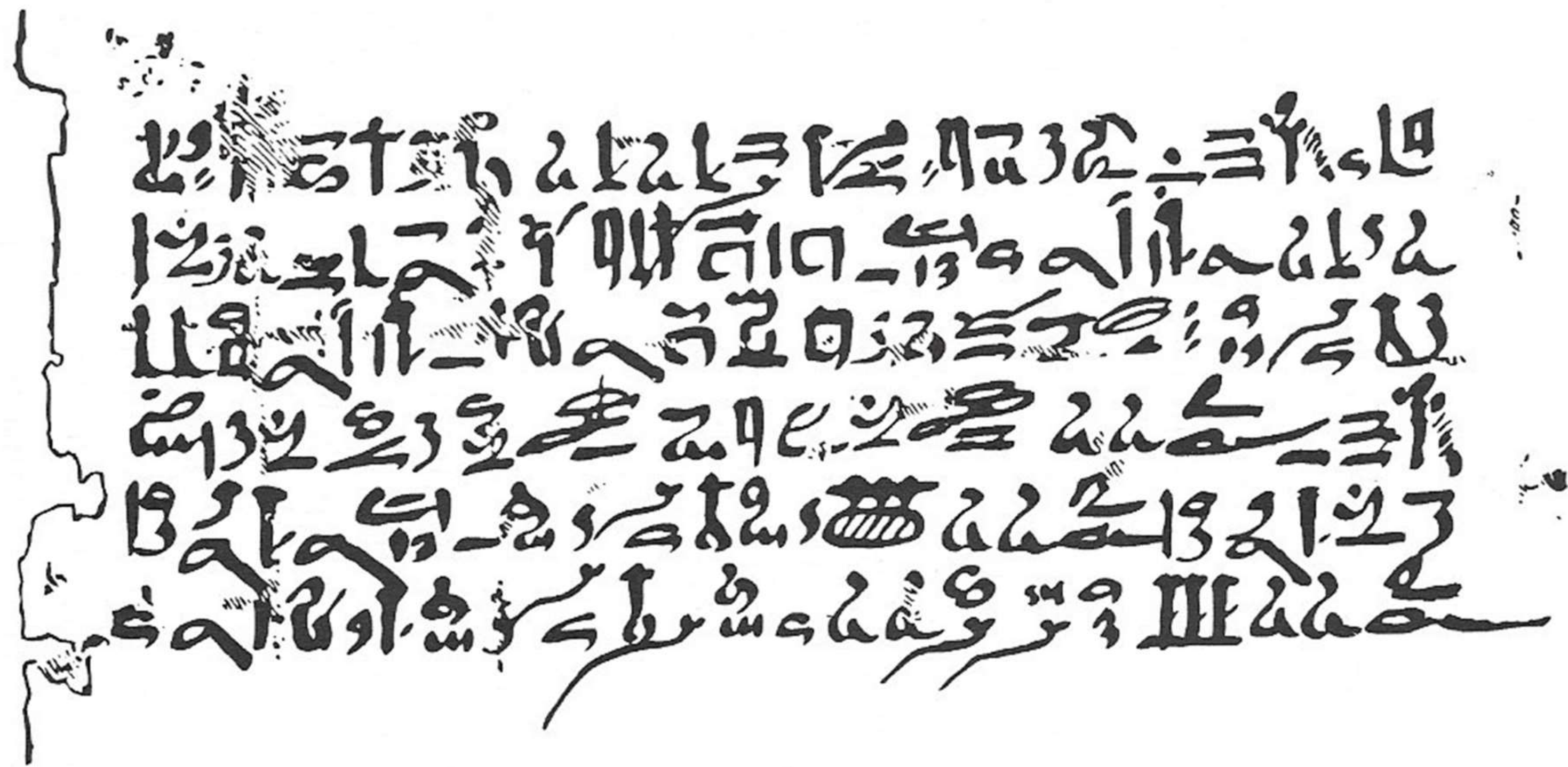


*kbt, n gm·n·t sy dd·in n·f d·d·-m·'nh : hwy
 'wd', hm·k r šy n pr·', ('nh wd', šnb), 'pr n·k b'w
 m nfrt nt hnw 'h·k . lb n hm·k r kbb
 n m', hnn·šn hnt m hd m hnt
 tw·k hr m', sšw nfrw n šy·k, tw·k hr
 m', šht·f hf'·t·f nfrw tw lb·k r*

Fig. 6 – Passagem do conto “O Rei Khufu e os Mágicos”: texto hierático, o mesmo texto em hieróglifos e transcrição fonética. (Adolf Erman, *The Ancient Egyptians. A Sourcebook of their Writings*, Gloucester (Massachusetts), Peter Smith, 1978, pp. LXVIII-LXIX. O manuscrito hierático em questão data do começo do Reino Novo.)

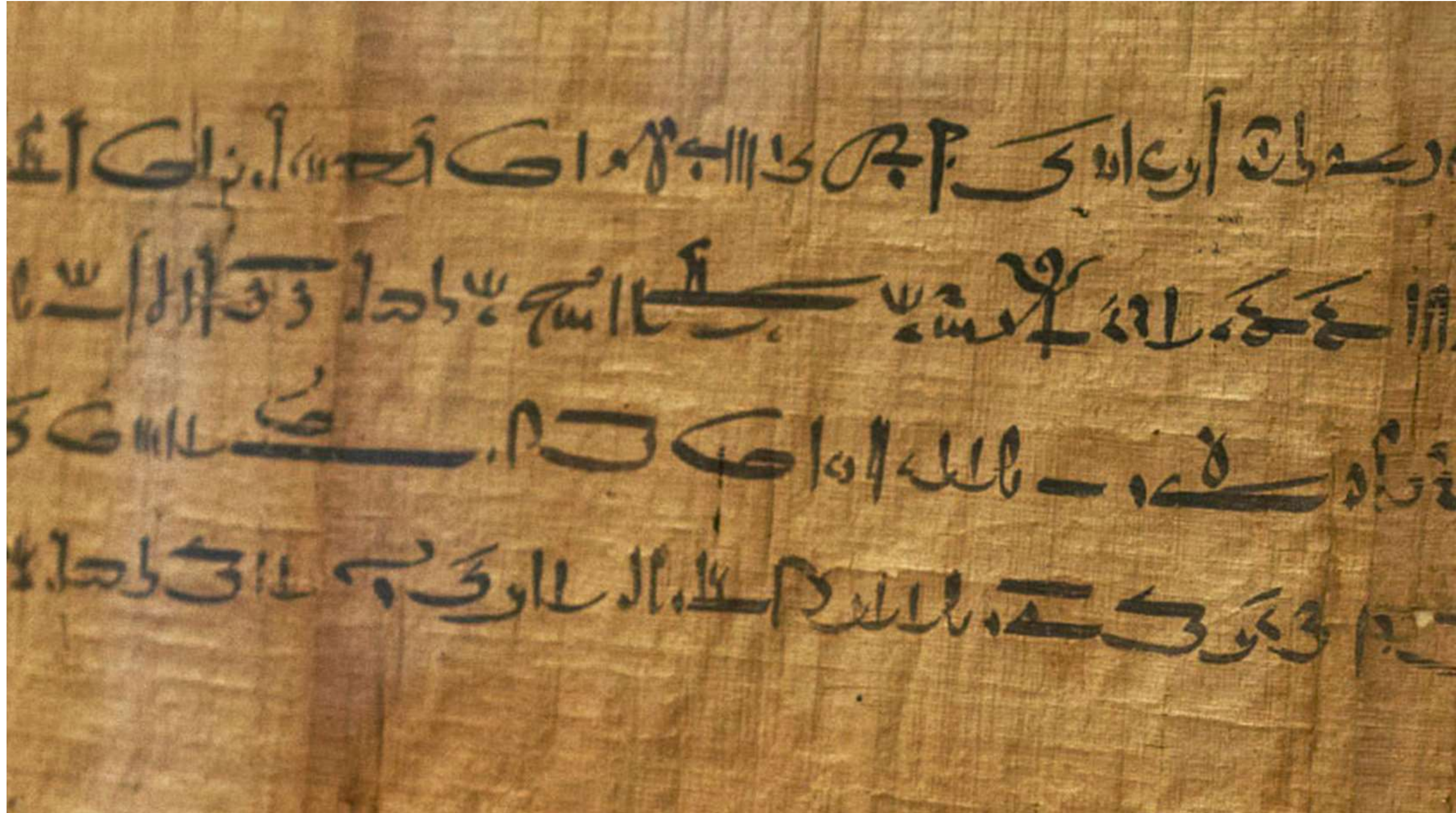


O Hierático do Egito



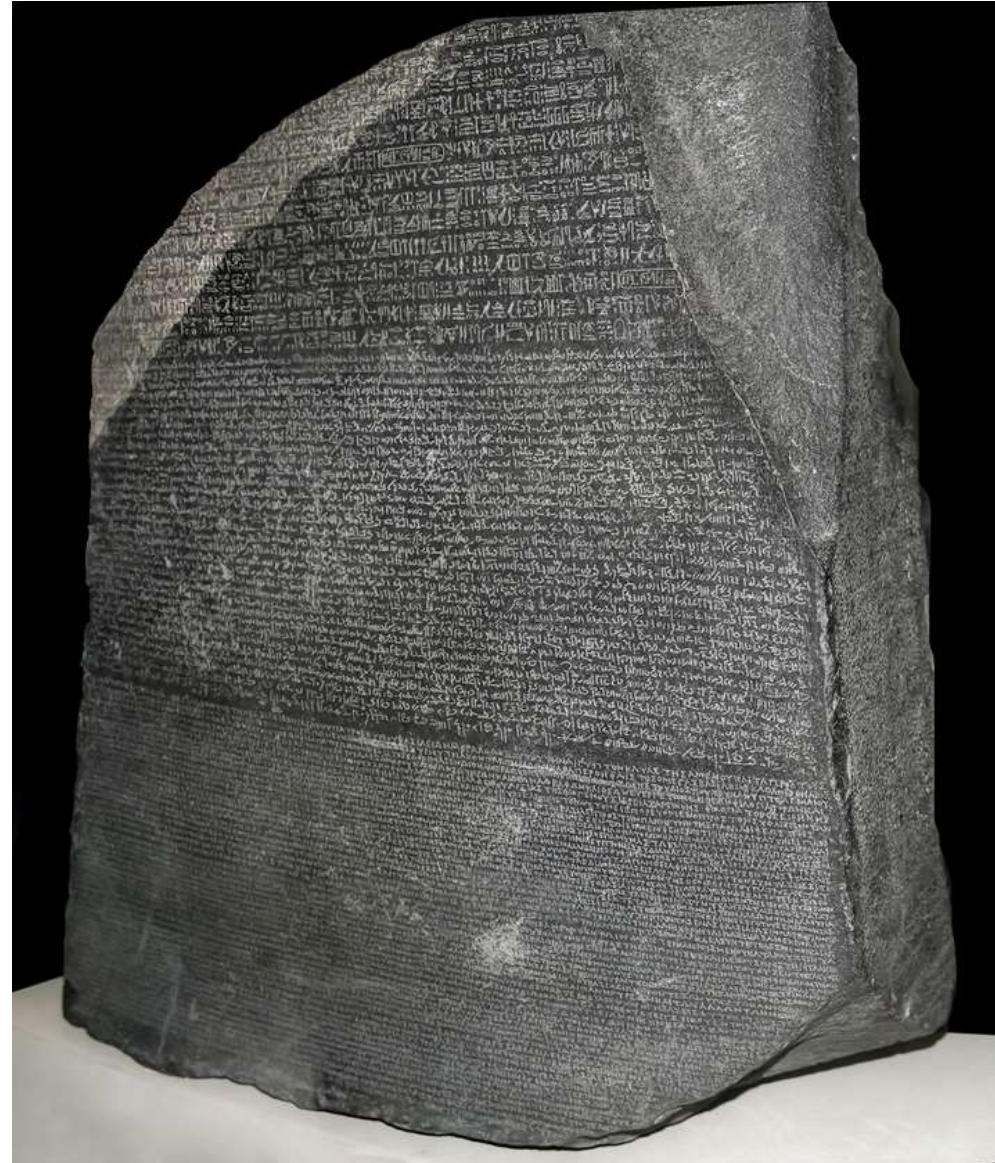


O Demótico do Egito





A tradução dos hieróglifos



Pedra de Roseta (1799)
Decreto de Canopo e de Ráfia



Jean-François Champollion
(1790-1832)

Handwritten text in a cursive script, likely a manuscript page, showing dense lines of text arranged in a roughly triangular shape. The text is written in a dark ink on a light background. The script is highly stylized and difficult to decipher, but appears to be a form of Arabic or Persian calligraphy. The text is arranged in approximately 15 horizontal lines, with the lines becoming shorter as they approach the top of the page. The overall appearance is that of a dense, continuous block of text.

Handwritten text in a cursive script, likely a historical document or manuscript. The text is densely packed and covers the entire page. It appears to be a list or a detailed account, possibly related to military or administrative matters, given the use of numbers and specific terminology. The script is highly stylized and characteristic of the Ottoman or Persian administrative documents of the early modern period. The text is written in a dark ink on a light-colored paper, showing some signs of age and wear.

ΚΒ

ΔΙΔΑΧΟΝ ΑΝΩΥΜΗ ΤΟΥΤΕΙΣΤΟΥ
ΛΑΕΦΟΥ ΩΣΤΟΓΕΙΣΟΜΗ ΔΙΔΕΡΑ
ΧΕΩΗ ΕΓΡΑΨΑ ΠΡΟΚΑΛΩΜΕΧΗ
ΕΠΕΙΜΟΡΤΥΡΩΗ ΤΑΥΤΗΝ ΕΙΜΗ
ΔΗΜΟΝ ΧΟΡΕΙΜΟΝ ΕΙΣ ΗΝ ΟΤΙ Ε-
ΔΕΤΑ ΕΤΕΡΟΜΟΣ Η ΕΝ ΒΑΒΥΛΩΝΙ
ΣΥΝ ΕΚΛΕΚΤΗ ΚΗΜΟΡΚΟΣ ΟΥ ΙΟ ΟΜΟΥ
ΔΕΤΑ ΔΕ ΟΜΟΔΗΤΗ ΔΟΥΣ ΕΝ ΦΙΤΗ
ΜΟΤΕΙ ΔΕ ΤΗΣ

ΠΕΤΡΟΥ ΕΠΙΣΤΟΛΗ Δ

ΕΡΗΜΗΤΩ ΓΡΑΨΟΝΤΗ
ΚΗΤΩ ΔΗΜΟΤΙΝΩΣ ΚΟΝΤΗ

ΚΓ

ΠΕΤΡΟΥ ΕΠΙΣΤΟΛΗ Β

ΟΙΜΩΝ ΠΑΤΡΟΣ ΔΟΥΝΟΣ ΚΑΙ ΑΠΟΣΤΟ
ΛΟΣ ΙΗΥ ΧΡΥ ΤΟΙΣ ΙΣΟΤΗΜΟΝ ΚΗΜΗ
ΛΑΧΟΥΝ ΗΤΓΕΙΣ ΤΗ ΕΝ Δ ΚΕ Ο ΟΥ ΜΠΟΥ
ΘΥ ΗΜΩΝ ΚΑΙ Ο ΑΤΗΡΟΣ ΙΗΥ ΧΡΥ
ΧΑΡΕΙ ΟΥΜΗ ΚΑΙ ΕΙΡΗΝΗ ΤΗ ΚΑΘΑΡΕΙ Η
ΕΠΕΤΕΙ ΓΝΩΣΗ ΤΟΥ ΘΥ ΙΗΥ ΤΟΝ ΧΡΙΟΥ
ΗΜΩΝ ΩΣΤΟ ΔΕ ΔΗΜΟΤΗΤΕΣ ΕΙΣ
ΔΥΝΑΜΕΩΣ ΑΥΤΟΥ ΤΟΤΡΟΣ Ο ΗΙΕ
ΚΑΙ ΕΥΣΕΒΙΟΝ ΔΕ ΔΕ ΔΩΡΗΜΕΤΕΚΣ ΔΙ
ΔΤΗΣ ΕΠΕΙ ΓΝΩΣΕΩΣ ΤΟΝ ΚΑΘΑΡΕΙ Η
ΤΑΣ ΗΜΕ ΔΙΔΑΧΗ ΚΑΙ ΔΡΕΤΗΣ
ΔΙΩΝ ΤΟΤΕ ΜΕΙ Δ ΚΗΜΕΤΕΙ ΤΟ ΕΙΠΤ
ΓΕΙΜΟΝ ΗΜΩΝ ΔΕ ΔΩΡΗΤΕ ΗΝ ΔΕ Δ
ΤΟΥΤΑ Η ΓΕΓΗΚΟΘΕ ΘΕΙΔΕ ΚΟΙΝΩΝ
ΦΥΣΕΩΣ ΑΠΟ ΦΥΓΟΝΤΕΣ ΤΗ ΜΕΤΕΤΩ
ΚΑΘΩ ΕΠΕΙ ΘΥΜΗ ΔΕ ΦΘΟΡΗΤΕ ΚΑΙ
ΑΥΤΟ ΤΟΤΟ ΔΕ ΟΤΟ ΔΗΜΟΤΗΤΕ

Copta



Cidade dos Homens – Rede Globo
Episódio: A Coroa do Imperador (15/10/2002)

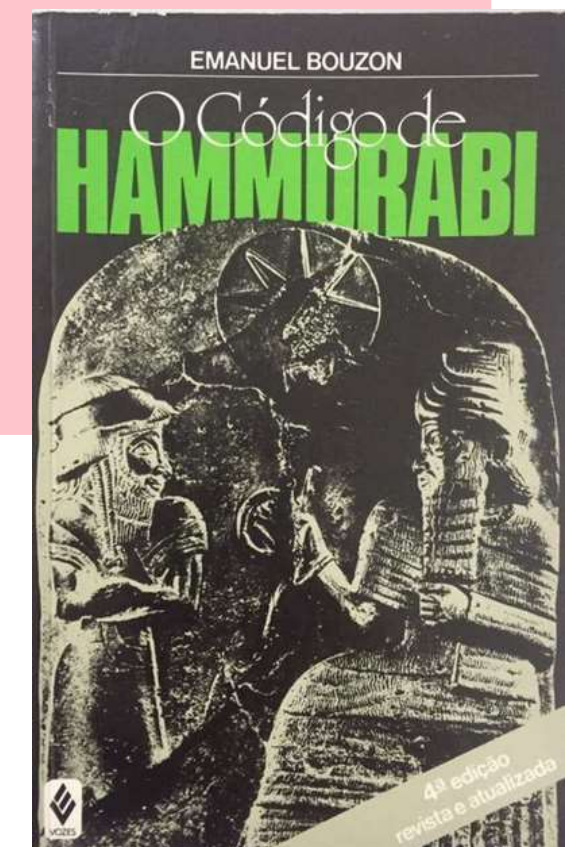


Código de Hammurabi
1755–1750 a.C.





Uma das finalidades da composição de uma obra literária como a estela de Hammurabi era, sem dúvida, enaltecer a figura do rei. O caráter programático e propagandístico da obra transparece em cada linha do prólogo e do epílogo. É difícil, portanto, atribuir a uma composição com tais características a função de norma válida para todas as regiões do reino de Hammurabi.





Capítulo XI: Delitos e penas, lesões corporais, talião e indenizações

Art. 195. Se um filho bater em seu pai cortarão sua mão.

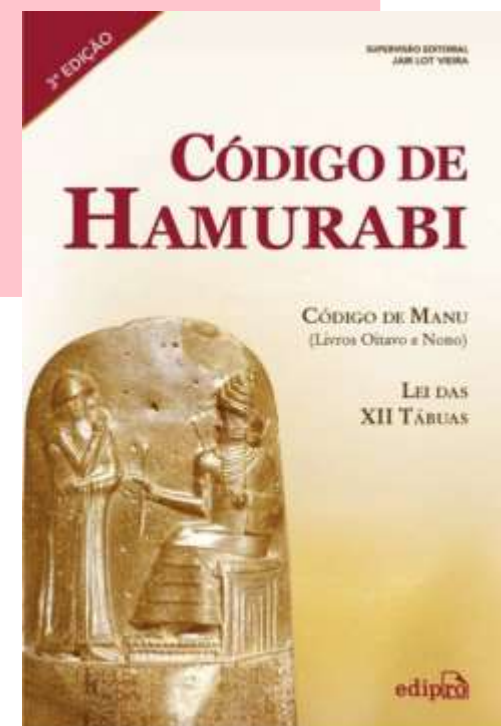
Art. 196. Se um homem destruiu um olho de outro homem, destruirão o seu olho.

Art. 197. Se quebrou o osso de um homem, quebrarão o seu osso,

Art. 198. Se destruiu o olho de um homem vulgar ou quebrou seu osso, pesará uma mina de prata.

Art. 199. Se destruiu o olho do escravo de um homem ou quebrou o osso do escravo, pesará a metade de seu preço.

Art. 200. Se um homem arrancou um dente de outro homem livre igual a ele, arrancarão o seu dente.





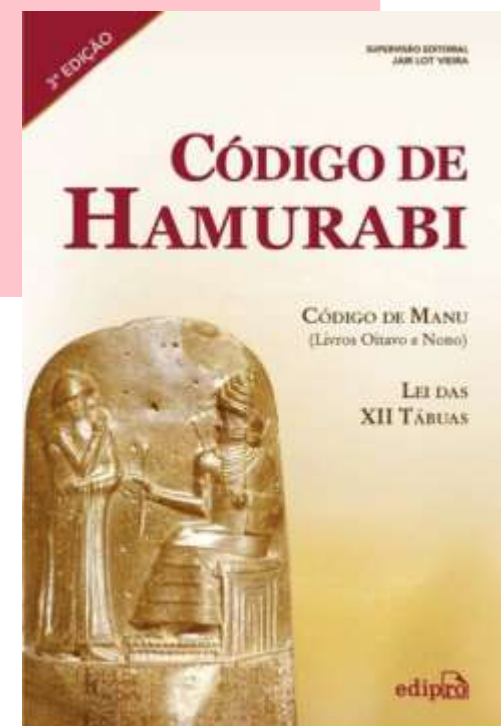
Art. 201. Se ele arrancou o dente de um homem vulgar, pagará um terço de uma mina de prata.

Art. 202. Se um homem agrediu a face de outro homem que lhe é superior, será golpeado sessenta vezes diante da assembleia com um chicote de couro de boi.

Art. 203. Se o filho de um homem agrediu a face de outro filho de homem igual a ele, pesará uma mina de prata.

Art. 204. Se um homem vulgar agrediu a face de outro que lhe é igual, pesará dez siclos de prata.

Art. 205. Se o escravo de um homem agrediu a face de seu filho, cortarão sua orelha.

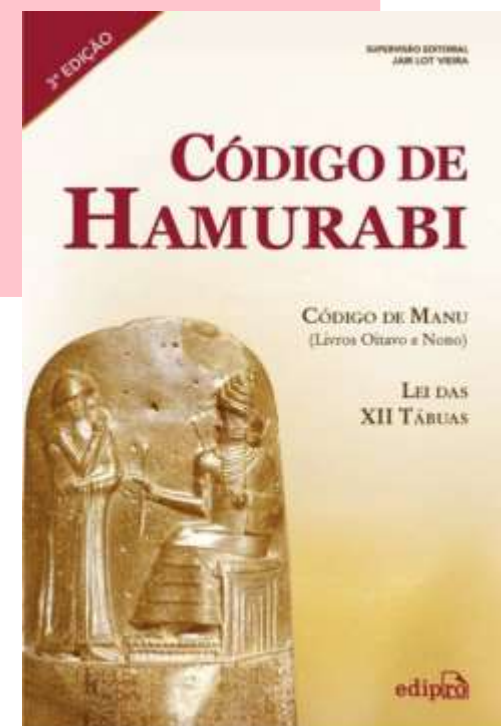




Art. 206. Se um homem agrediu em uma briga outro homem e lhe infligiu um **ferimento, esse homem deverá jurar: "Não o agredi deliberadamente"**. Além disso, **deverá pagar o médico.**


Art. 207. Se ele morreu por causa de sua pancada, o agressor deverá jurar e, se foi o filho de um homem livre, pesará a metade de uma mina de prata.

Art. 208. Se foi o filho de um homem vulgar, pesará 1/3 de uma mina de prata.



2 UFC Aos egípcios devemos uma herança rica em cultura, ciência e religiosidade: eram habilidosos cirurgiões e sabiam relacionar as doenças com as causas naturais; criaram as operações aritméticas e inventaram o sistema decimal e o ábaco.

Sobre os egípcios, é correto afirmar também que:

- A foram conhecidos pelas construções de navios, que os levaram a conquistar as rotas comerciais para o Ocidente, devido à sua posição geográfica, perto do Mar Mediterrâneo.
-  B deixaram, além dos hieróglifos, outros dois sistemas de escrita: o hierático, empregado para fins práticos, e o demótico, uma forma simplificada e popular do hierático.
- C praticaram o sacrifício humano como forma de obter chuvas e boas colheitas, haja vista o território onde se desenvolveram ser desértico.
- D fizeram uso da escrita cuneiforme, que inicialmente foi utilizada para designar objetos concretos e depois ganhou maior complexidade.
- E usaram as pirâmides para fins práticos, como, por exemplo, a observação astronômica.



Cultura na Antiguidade Oriental

Cultura:

Religiões = Politeísmo antropozoomórfico: vários deuses / formas híbridas (humanos e animais).

- **Exceção: Hebreus = 1ª religião monoteísta (monoteísmo ético)** e antropomórfica.

- **Exceção: Persas = religião dualista e escatológica.**

- Obs.: Egito = Reinado de Akhenaton (Amenófis IV - Séc. XIV a.C.)

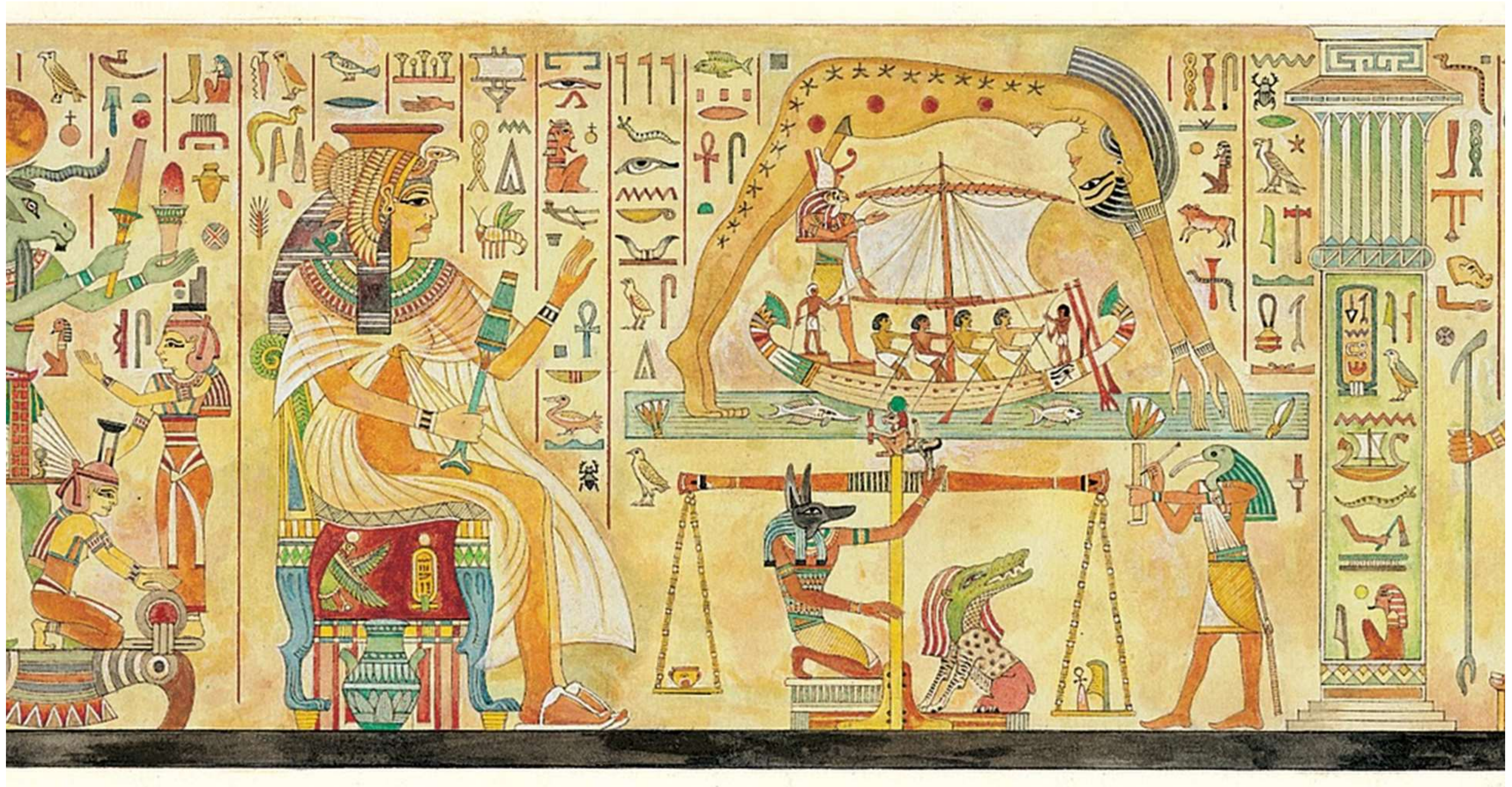
*Tentativa de **reforma religiosa monoteísta** para conter o poder sacerdotal.

Vida após a morte: mumificação / preservação do corpo (medicina).

Matemática: destaque para o sistema sexagesimal sumério e para a astronomia (ligada à agricultura).

Arquitetura: zigurates mesopotâmicos e pirâmides egípcias (monumentalismo).

Literatura: Livro dos Mortos (Egito) / Epopeia de Gilgamesh (Suméria).



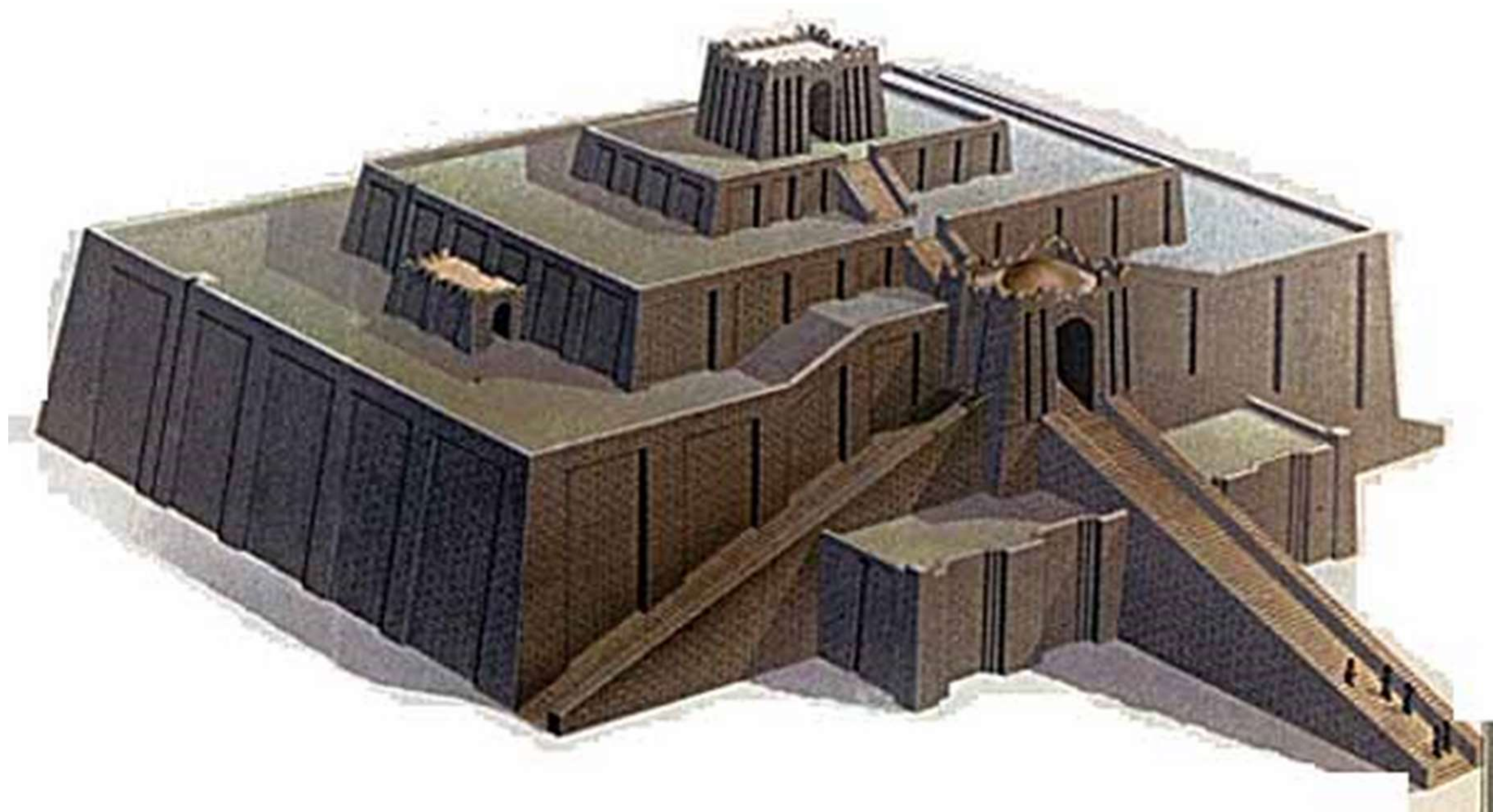
Passagem do Livro dos Mortos (Egito)



Lamassu: divindade protetora sumeriana



Colunas do Palácio de Dário (Persas)



Zigurates



Aprofundamento

exemplo de pesquisa
sobre o tema



Cruzamento de informações

Cruzar informações de textos religiosos com documentos da época.



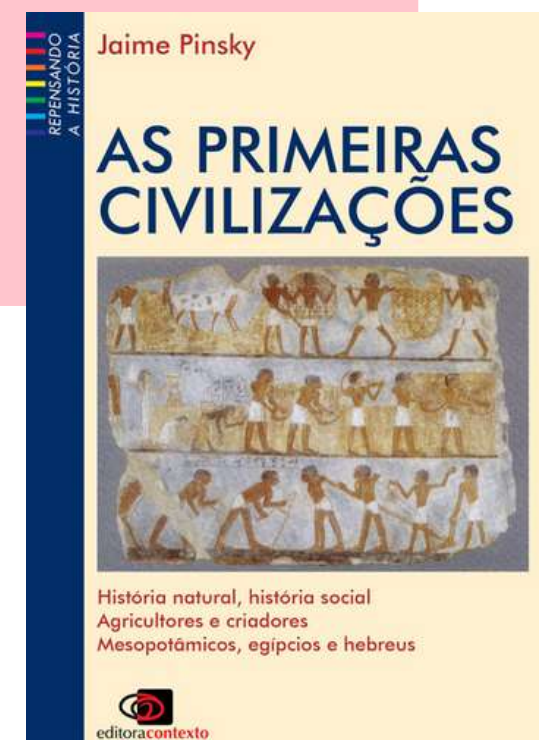
Antigo Testamento



Código de Hamurabi

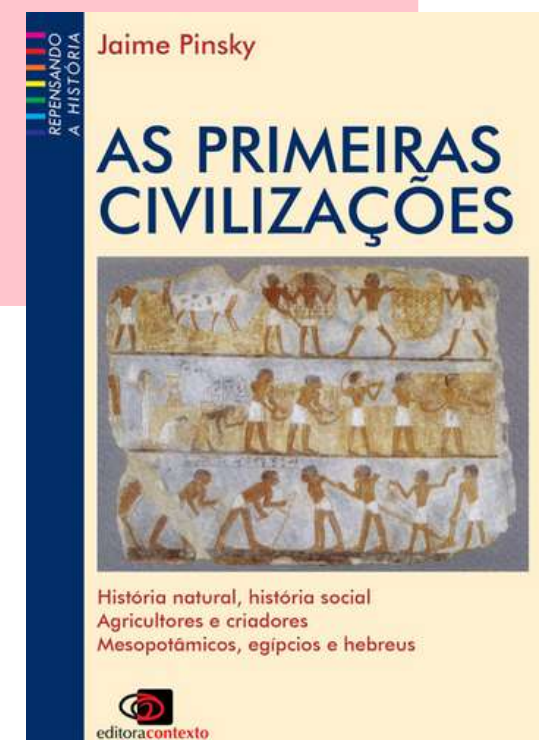


Gostamos muito de exemplificar trazendo a história de Abraão e Sara, contada na Bíblia: os dois eram casados, mas Sara não conseguia engravidar. Ela acabou pegando uma de suas servas, Hagar, entregando-a como concubina ao marido para que, embora em ventre alheio, o casal pudesse ter filhos. Hagar de fato dá à luz um garoto, Ismael. Acontece que, depois, Iavé (uma das denominações de Deus) anuncia que Sara iria engravidar.





O casal ri, não acreditando que ele com cem anos e ela com noventa ainda pudessem ter um filho. Mas como o deus hebreu era todo poderoso, o filho acaba nascendo e se chama Isaac. O garoto mais velho, Ismael, deixa de ser o queridinho de Sara, que protege o seu. Ismael, mais velho, tem o hábito de zombar de Isaac, menor, e, por isso, menos esperto. Sara chega a Abrahão e solicita que ele mande embora a concubina com seu filho. O patriarca resiste, mas deus dá força à Sara e, Hagar e Ismael, partem para o deserto. Final da história: de Isaac descendem todos os hebreus, e de Ismael descendem os povos do deserto, os árabes.





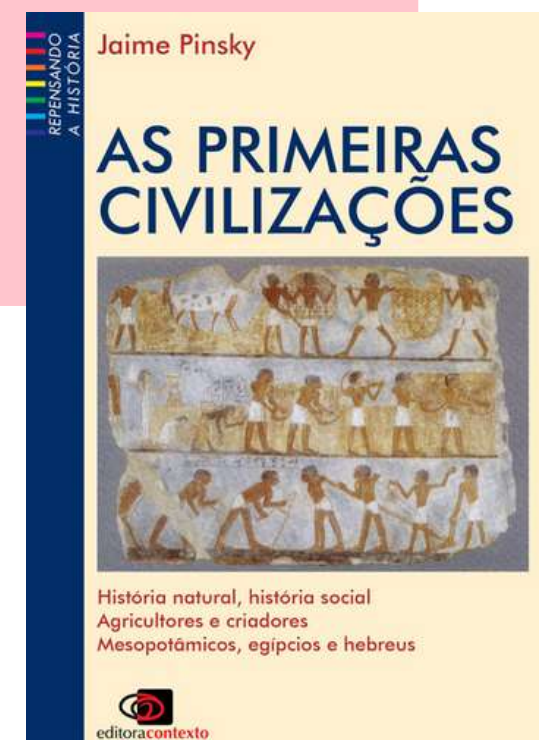
Por essa rápida passagem do Gênesis (16-21), os estudiosos perceberam que:

1) o homem tinha uma esposa principal e podia dispor de concubinas;

2) a mulher principal tinha direitos que a outra não tinha e uma certa força junto ao marido;

3) a herança não se transmitia de forma idêntica para filhos de esposa legítima e concubina.

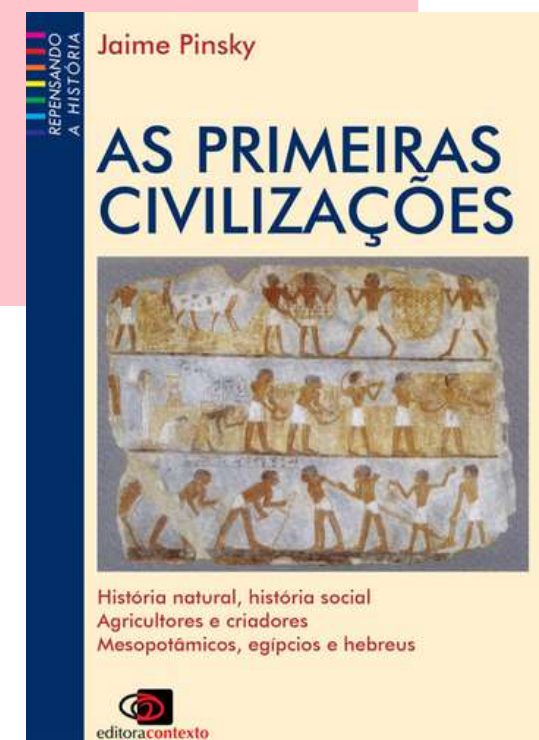
Não por acaso, esses três princípios do direito de família faziam parte do Código de Hamurábi, o que reitera a origem mesopotâmica dos hebreus e legitima a interpretação bíblica dos especialistas. (P. 106)





Dilúvio sumeriano e Dilúvio bíblico

O dilúvio sumério fala de Ziusudra **construindo um enorme barco, da inundação varrendo as cidades, de tempestades de vento, do barco jogado em todas as direções, da luz finalmente aparecendo no céu, do sacrifício que faz Ziusudra e da reconstrução do mundo. Vale a pena ver a tradução integral do documento na coletânea 100 textos de História Antiga para sentir a força da descrição, a despeito de muitas linhas ilegíveis ou desaparecidas do original sumério.**

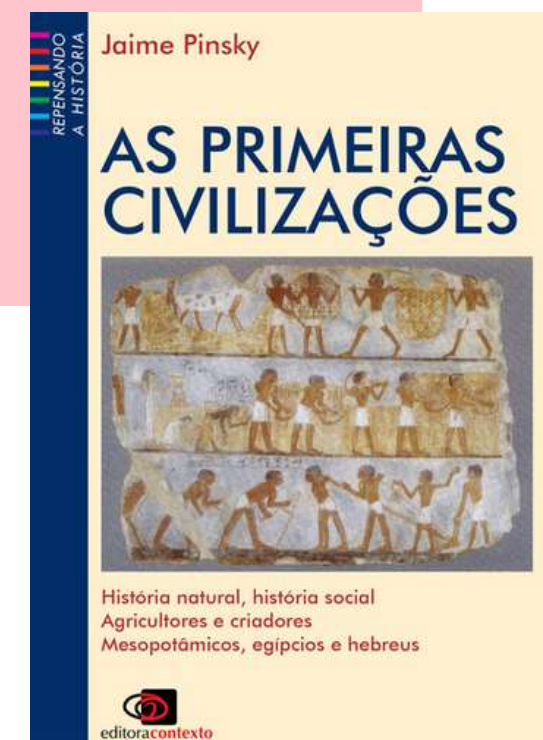




Dilúvio sumeriano e Dilúvio bíblico

E que dizem os hebreus?

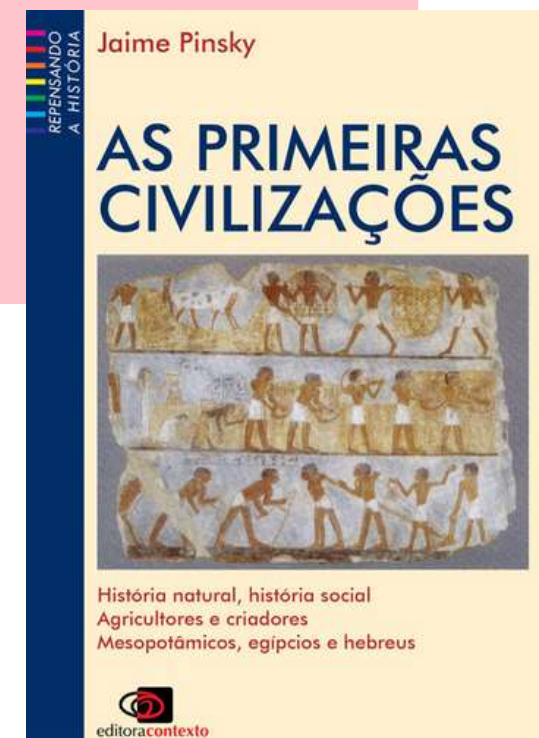
Falam de uma arca construída por Noé, de quarenta dias e noites de chuva, da cheia superando os montes mais altos, da arca resistindo a tudo, até que "cerraram-se as janelas dos céus e a chuva dos céus se deteve". Noé sacrifica um animal a deus e a reconstrução se inicia. Coincidência? Não.





Dilúvio sumeriano e Dilúvio bíblico

O mito é mesopotâmico e foi apropriado pelos hebreus, para os quais o importante não era a história, mas a moral da história. Nem teria muito sentido um mito sobre dilúvio desenvolver-se numa região onde as chuvas são limitadas (400 mm anuais são excepcionais na região), os rios insignificantes (o Jordão quase pode ser atravessado por um bom saltador, em certos trechos) e não há degelo de montanhas nevadas.

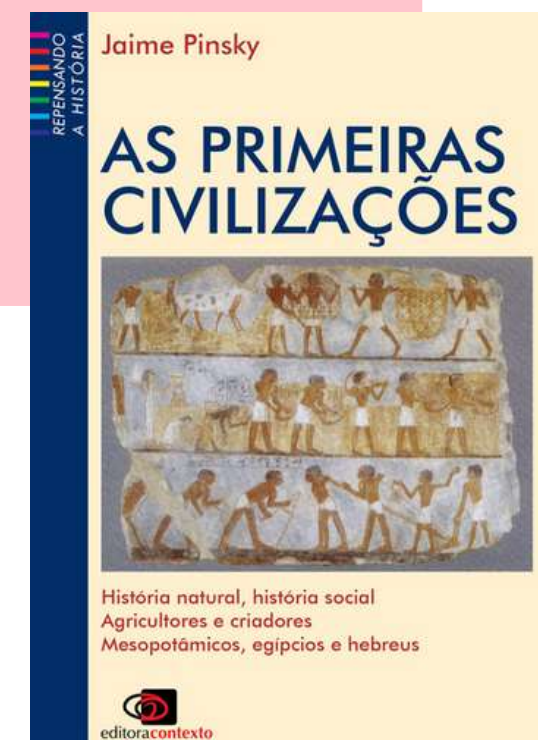




Dilúvio sumeriano e Dilúvio bíblico

Já na Mesopotâmia os rios pregavam constantes sustos, ora mansos, ora violentos, em vista do degelo em sua origem, nas montanhas da Armênia. Até os deuses nos dão conta da instabilidade dos rios e do temor que os habitantes tinham de sua variação. Por tudo isso é de se acreditar na origem mesopotâmica dos hebreus.

(P. 108-109).



Ao primeiro brilho da alvorada chegou do horizonte uma nuvem negra, que era conduzida [pelo] senhor da tempestade (...). Surgiram então os deuses do abismo; Nergal destruiu as barragens que represavam as águas do inferno; Ninurta, o deus da guerra, pôs abaixo os diques (...). Por seis dias e seis noites os ventos sopraram; enxurradas, inundações e torrentes assolaram o mundo; a tempestade e o dilúvio explodiam em fúria como dois exércitos em guerra. Na alvorada do sétimo dia o temporal (...) amainou (...) o dilúvio serenou (...) toda a humanidade havia virado argila (...). Na montanha de Nisir o barco ficou preso (...). Na alvorada do sétimo dia eu soltei uma pomba e deixei que se fosse. Ela voou para longe, mas, não encontrando um lugar para pousar, retornou. Então soltei um corvo. A ave viu que as águas haviam abaixado; ela comeu, (...) grasnou e não mais voltou para o barco. Eu então abri todas as portas e janelas, expondo a nave aos quatro ventos. Preparei um sacrifício e derramei vinho sobre o topo da montanha em oferenda aos deuses (...).

A Epopeia de Gilgamesh, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

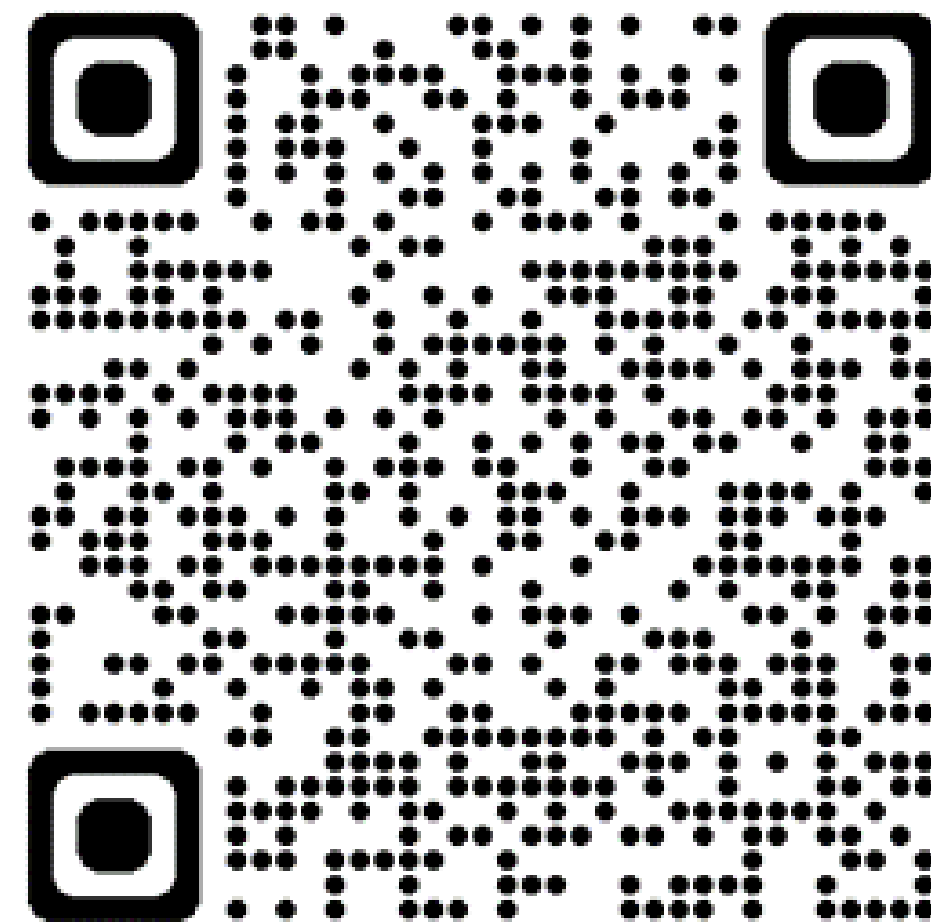
Com base no texto, registrado aproximadamente no século VII a.C. e que se refere a um antigo mito da Mesopotâmia, bem como em seus conhecimentos, é possível dizer que a sociedade descrita era

- (A) mercantil, pacífica, politeísta e centralizada.
- (B) agrária, militarizada, monoteísta e democrática.
- (C) manufatureira, naval, monoteísta e federalizada.
- (D) mercantil, guerreira, monoteísta e federalizada.
- (E) agrária, guerreira, politeísta e centralizada.



Dúvidas?

Envie para: <https://bit.ly/3n8hgri>





bibliografia

1. CARDOSO, Ciro Flamarion S. Sociedades do Antigo Oriente Próximo. 1. ed. São Paulo: ática, 1986.
2. LOT VIEIRA, Jair (ed.). Código de Hamurabi, Código de Manu (livros oitavo e nono), Lei das XII Tábuas. 3ª ed. Bauru: Edipro, 2017.
3. ADAMS, Robert M. Early civilizations, subsistence, and environment. In: STRUEVER, S., ed. Prehistoric agriculture. New York, The Natural History Press, 1971. p. 591-614;
4. O CÓDIGO de Hamurabi. Tradução e comentários: Emanuel Bouzon. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.
5. ARRUDA, José Jobson de A. Atlas Histórico Básico. São Paulo: Ática, 1989.
6. CARDOSO, Ciro F. S. O Egito Antigo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
7. PINSKY, Jaime. As primeiras civilizações. São Paulo: Contexto, 2001.
8. DESPLANCQUES, Sophie. Egito Antigo. Porto Alegre: L&PM, 2013.
9. Grimal, N. Histoire de l'Égypte ancienne. Paris, 1988.



Obrigado!

Bons estudos!!!